

“Não fazíamos ideia do quão perigoso era.”

Ex-trabalhadores da DuPont invocam a responsabilidade do gigante químico

DÚZIAS DE ANTIGOS TRABALHADORES DA FÁBRICA DE LYCRA NA HOLANDA INICIARAM, COM O APOIO DOS SEUS SINDICATOS, UMA BATALHA COM O GIGANTE DA INDÚSTRIA QUÍMICA, DUPONT. RESPONSABILIZAM A EMPRESA POR INÚMEROS ABORTOS, HISTERECTOMIAS, NADOS-MORTOS E CANCROS, TODOS ELES CAUSADOS PELA EXPOSIÇÃO A SOLVENTES.

Pien Heuts

Jornalista

A fábrica de Lycra da DuPont em Dordrecht, situada 20 quilómetros a sul de Roterdão, já encerrou há muito. Começou por produzir fibra de Lycra em 1964, mas foi vendida em 2004 e fechou portas dois anos depois, tendo causado uma série de problemas às trabalhadoras que durante décadas estiveram expostas a Dimetilacetamida (DMA), um perigoso solvente reprotóxico.

Este solvente líquido era usado na produção de fibras sintéticas como o fio elástico (Lycra) que é usado sobretudo na produção de roupa desportiva e de natação mas também de roupa interior.

Este solvente volátil é facilmente absorvido através do contacto ou da inalação. Os efeitos nocivos que tem sobre homens e mulheres na

idade reprodutiva são já conhecidos desde a década de 1970. São também descritos num manual da DuPont escrito na década de 1980 que, já na altura, alertava para a necessidade do uso de equipamento protetor adequado. As mulheres que trabalhavam na fábrica de Lycra, geralmente sem proteção, eram vítimas de abortos e nados-mortos, para não falar de problemas de fertilidade e cancro do colo do útero.

Não foi estabelecida qualquer ligação na época. “Como poderíamos saber?”, dizem estas mulheres hoje: “A DuPont parecia uma empresa boa, que aparentemente levava a segurança a sério, os salários eram elevados e Dordrecht sentia-se satisfeita por ter uma empresa americana deste tamanho na região”.

Não pode ser apenas coincidência

Jacob De Boer, professor de química ambiental e toxicologia na Universidade Livre de Amsterdão, considera impensável que ninguém tenha feito esta associação. Trabalhando em conjunto com a epidemiologista Marijke de Cock, De Boer pretende estudar a relação entre a exposição à DMA e a fertilidade e os problemas de fertilidade enfrentados por estas ex-trabalhadoras e suas crianças.

Este estudo poderá demorar dois anos mas, segundo De Boer, não existem dúvidas quanto à ligação entre si: "O facto de termos tantas mulheres a queixar-se de

sintomas semelhantes, tendo sido expostas a DMA num ambiente sem proteção não pode ser apenas coincidência", afirma.

Na década de 1970, testes com animais haviam já determinado que este solvente era nocivo para o feto e os órgãos reprodutivos (embriotóxicos e teratogénicos) e por conseguinte uma substância à qual pessoas em idade reprodutiva não deviam ser expostas. **No entanto, a Agência Europeia dos Produtos Químicos não classificou oficialmente a DMA como preocupante até 2014.**

Jacob De Boer está horrorizado: como evidencia um vídeo da empresa de 1986, o pessoal trabalhava geralmente na fábrica sem equipamento de proteção. "Era sabido que 40% da DMA era absorvido pela pele através do contacto direto e 60% por via da inalação. Estas pessoas não usavam qualquer fato ou proteção facial. Estavam diretamente expostas aos fumos emitidos pelos rolos de fios de Lycra. Os exames médicos regulares não passavam de pura fachada. E havia ainda uma notória ausência de controlo por parte das autoridades."

"Não podiam falar sobre isso na altura. A DuPont era um mundo dominado por homens."

Marian Schaapman, BBZ

Controlo desadequado

O toxicologista holandês dá o exemplo do carcinogénico C8 (ácido perfluorooctanóico) usado na fábrica de Teflon da DuPont e ao qual trabalhadores e residentes locais foram expostos. A relação entre este carcinogénico e a elevada percentagem de cancros na região foi apenas recentemente estabelecida. "As autoridades deviam controlar a indústria química

mais rigorosamente e identificar melhor todas as substâncias perigosas. O setor químico é criativo: assim que uma substância se torna problemática, modificam ligeiramente a sua estrutura de modo a colocarem uma alternativa no mercado que acaba por apresentar os mesmos perigos para a saúde. É um negócio lucrativo. Nem consigo imaginar o que o futuro nos reserva."

O Ministro Holandês para os Assuntos Sociais apelou a uma "investigação aprofundada" às ações da DuPont no que toca à exposição a substâncias tóxicas. O papel dos órgãos de vigilância e de monitorização, tais como a Inspeção do Trabalho e dos Assuntos Sociais (*Inspectie Sociale Zaken en Werkgelegenheid*, SZW), que reporta ao ministro, será também analisado.

A Inspeção vai portanto investigar-se a si mesma. Quando questionada acerca disto, afirmou não estar interessada no aspeto histórico mas sim em assegurar o controlo da indústria química de acordo com os atuais regulamentos.

“Com o conhecimento que temos hoje, podemos explicar coisas que provavelmente não eram banidas na altura. Mas não é este o nosso papel. Até que os resultados da investigação estejam disponíveis, não vamos tecer comentários sobre a DuPont”.

Quanto à DuPont, limita-se a recorrer a uma declaração por escrito onde refere que os níveis de DMA registados na fábrica de Lycra não eram considerados perigosos e que a empresa agiu de forma responsável e de acordo com a informação disponível.

Negligência grave

Dezenas de antigos trabalhadores da fábrica de Lycra da DuPont abandonaram o anonimato e manifestaram-se junto do Departamento de Doenças Ocupacionais (*Bureau Beroepsziekten*, BBZ) da Federação de Sindicatos Holandeses (FNV). Maria Schaapman dirige este departamento, cujo objetivo consiste em ajudar os membros dos sindicatos afetados por doenças profissionais ou vítimas de acidentes de trabalho a responsabilizar as empresas e obter compensação. No verão, o BBZ invocou coletivamente a responsabilidade da DuPont no que diz respeito aos antigos trabalhadores da fábrica e isto levou à

suspensão do prazo-limite para ação judicial. A Sra. Schaapman está também chocada com a dimensão do caso. “De uma forma geral, quando as substâncias perigosas não são classificadas como problemáticas, isso constitui um caso de negligência grave. Embora as empresas estejam obrigadas a registar as substâncias cancerígenas, mutagénicas e reprotóxicas (CMR), apenas 13% o faz na Holanda.

Com base em entrevistas e outras fontes, o BBZ determinará de forma retroativa as condições de trabalho que eram habituais na fábrica da Lycra. Com a ajuda de Jacob De Boer, a relação causal entre a

exposição à DMA e os problemas de saúde detetados será demonstrada com base nos registos médicos dos antigos trabalhadores. “Temos um caso sólido mas ainda precisamos completá-lo com mais provas”, diz Marian Schaapman. “As consequências da exposição à DMA são descritas com clareza na literatura científica: abortos, nascidos-mortos, hemorragias e complicações nos ovários. Os testemunhos recolhidos junto destas mulheres testemunham uma ladainha de sofrimentos. Elas não podiam falar na altura. A DuPont era um mundo dominado por homens. E para além disso, elas não faziam ideia dos riscos a que estavam a ser expostas”.

“O sector químico é criativo: assim que uma substância se torna problemática, modificam ligeiramente a sua estrutura de modo a colocarem uma alternativa no mercado que acaba por apresentar mesmos perigos para a saúde.” Jacob De Boer, Toxicologista

Danos colaterais

Segundo Marian Schaapman, o principal objetivo dos seus clientes não é obter compensação pelos danos sofridos mas sim reconhecimento do sucedido. E contribuir para uma maior prevenção. "Se a DuPont admitisse responsabilidade, seria para seu próprio benefício. Não vou excluir a possibilidade de terem subestimado os riscos. Não

pretendemos prolongar o processo. Poderia criar-se um fundo, como sucedeu com as 'crianças DES' (filhos de mulheres que tomaram Dietilstilbestrol para prevenir abortos e que nasceram com problemas de saúde) e as vítimas de amianto. Estas mulheres e crianças têm direito a saber exatamente o que aconteceu."

Os 15 anos de experiência no BBZ ensinaram-na a detetar o "ângulo morto" que muitas empresas têm no que toca à segurança e saúde dos seus trabalhadores. "É um aspeto que é muitas vezes menosprezado; os trabalhadores vêm sempre em último lugar. As suas doenças são consideradas danos colaterais."

"Terão os danos cerebrais da nossa filha sido causados pela DMA?"

Nome: Astrid Mussig

Idade: 46

Trabalhou na fábrica de Lycra da DuPont: 1989-2001

Exposição: DMA

Após abandonar o ensino secundário, Astrid Mussig foi trabalhar na fábrica de Lycra. O seu pai já trabalhava para a DuPont há mais de 20 anos. O seu companheiro ainda trabalha para a empresa, na fábrica da Teflon, onde o ácido perfluorooctanóico, mais conhecido como C8, é utilizado desde há muito tempo.

Astrid trabalhava na zona de fiação, separando os fios quando os carretéis saíam da máquina. Colocava também os carretéis, enquanto ainda emitiam gases, dentro de caixas. 'Nunca pensei muito sobre os vários abortos e problemas de fertilidade que tive' explica Astrid. "Apenas me ocorreu este ano quando vi um programa na TV sobre as fábricas de Lycra e da Teflon e as consequências da exposição a solventes nocivos. E quando contactei outras antigas trabalhadoras através do Facebook. Agora pergunto-me se os danos cerebrais da nossa filha gravemente incapacitada se devem a isto.

Eu estive exposta àqueles gases até ao nascimento dela. Como é possível que, passados 17 anos, os neurologistas ainda não tenham conseguido diagnosticar o problema da Sandrina? Ela mal consegue andar devido à fraqueza dos músculos, mal consegue falar e tem a inteligência de uma menina de 4 anos. É impressionante que, apesar de tudo isto, ela tenha aprendido a nadar."

O pai de Astrid, Gerlof Meijer (69 anos) trabalhou como analista químico no laboratório da DuPont durante anos (até 1999). Durante esse tempo, a sua mulher deu à luz um nado-morto com seis meses de gestação e a própria Astrid, quando nasceu, pesava apenas 1040 gramas, tendo permanecido na maternidade durante seis meses.

'Os efeitos reprotóxicos da DMA são bem conhecidos', refere num tom realista. 'Mas pergunto-me se a DuPont de Dordrecht o sabia. Foi a primeira fábrica de Lycra. Não

tínhamos sinalização nem informação de segurança e saúde sobre o solvente. Mas a sede da empresa nos EUA deveria estar mais ciente do problema.'

Astrid relembra que trabalhavam frequentemente de calções e t-shirts. Mais tarde, receberam roupa protectora da Nomex. 'A segurança era prioritária para a DuPont. Foi isso que disseram. Havia uma cultura americana genuína em prática. Havia cartazes à entrada a indicar o número de horas decorridas desde o último acidente. Se notássemos um risco ou problema mais ligeiro, não dizíamos nada porque tínhamos receio de estragar o recorde de segurança. Fazíamos exames médicos com regularidade. Nunca duvidei das questões de segurança.'

Quando a DuPont se preparava para vender a fábrica da Lycra no início dos anos 2000, Astrid candidatou-se ao despedimento voluntário. A sua segunda filha, Faustina, nasceu em 2002 sem problemas. 'Gostaria de saber que efeitos teve a DMA, sobretudo porque ainda existem fábricas de Lycra na Irlanda, China e Indonésia, onde as trabalhadoras em idade reprodutiva estão expostas aos solventes tóxicos.'

"Enriqueceram à custa dos cadáveres dos nossos bebés"

Nome: Yvonne e Ron Hemelrijk

Idade: 51 e 58 anos

Trabalharam na fábrica de Lycra da DuPont: 1988-2002

Exposição: DMA

Para o mundo exterior, a DuPont, gigante da indústria química, é bem conhecida pela sua segurança, bons salários e excelentes condições de trabalho, e também por ser um empregador americano de renome a operar na região de Dordrecht. Ron Hemelrijk ficou por isso feliz quando conseguiu emprego lá em 1988. Ele fala-nos da sala de fiação superior, onde a 'pasta' de polímeros líquidos que continham DMA era misturada e enviada através de tubos com nitrogénio para depois sair sob a forma de fios de Lycra. Os gases que circulavam nestes tubos saíam quando os fios eram retirados e enrolados em carretéis.

Ron: 'Naquela sala de fiar usávamos luvas resistentes ao calor e proteção facial devido às temperaturas intensas, que podiam chegar aos 50°C. Isto encorajava ainda mais a absorção da DMA através da pele. Tirando isso, naquela altura toda a gente usava os casacos e calças habituais da empresa. Estávamos constantemente envoltos em vapor. E se uma máquina se avariasse, ficávamos envoltos em nuvens tóxicas'.

Yvonne: 'Em casa, estava tudo impregnado de Lycra. A substância colava-se às roupas do Ron e aos tapetes. Ele chegava a casa coberto de óleo de acabamento, que também continha solventes. Nunca nos avisaram que a DMA era reprotóxica e embriotóxica. E eu estive exposta a ela através do Ron. Se nos derem informação, então podemos tomar decisões informadas. Na verdade, na altura até estávamos a pensar constituir família. E queríamos que fosse numerosa'. A primeira gravidez de Yvonne decorreu sem problemas.

Femke nasceu no final de 1988. Desde então passou muito tempo até ao nascimento do segundo filho. Yvonne mostra uma imagem de ultrassom. 'Perdi o meu bebé com 11 semanas. A terceira e quarta gravidezes terminaram também elas em abortos,

mas os ginecologistas não encontravam explicação para o sucedido. A minha gravidez com o Mathijs em 1992 foi muito difícil. Estava muito preocupada, apesar dos 15 exames que fiz. O nascimento foi normal, mas não sei se o autismo do Mathijs se deve à exposição à DMA ou não. Depois disso, não quis ter mais filhos.'

'Faziam testes à nossa urina para tentar encontrar vestígios de DMA de 15 em 15 dias', explica Ron. 'Se os índices fossem muito elevados enviavam-nos para a sala de fiar inferior durante uma semana. Mas também havia gases lá. A DuPont sabia como era perigoso. Dá-me raiva quando me lembro como éramos reprimidos por deixar uma gaveta aberta ou por subir escadas sem usar o corrimão. Os nossos testes médicos também eram fachada. Nunca nos diziam os resultados,'

Yvonne: 'A DuPont enriqueceu à custa dos cadáveres dos nossos bebés.'

Ron: 'Do ponto de vista económico, a empresa teve o vento a seu favor até ao encerramento em 2006.'

Yvonne e Ron consideram que a 'empresa mais segura' do mundo deveria aceitar as suas responsabilidades. 'Isto deveria ser tornado público', diz Yvonne. 'Eles sabiam que estavam a pôr-nos em perigo e fizeram-no na mesma, quer a nós quer aos nossos filhos. Deviam ter-nos dado a escolher.'

"Nunca recuperamos da perda de um filho"

Nome: Romy Hardon

Idade: 57 anos

Trabalhou na fábrica de Lycra da DuPont: 1977-1988

Exposição: DMA

'Se alguma vez estive preocupada? Como podia eu, uma trabalhadora, saber que estava a trabalhar com solventes perigosos?' – Romy Hardon quer saber toda a verdade. Quer que seja feita justiça, quer para ela quer para tantas outras mulheres, e que sejam reconhecidos os problemas de fertilidade por elas sofridos devido à exposição à DMA.

Com apenas 17 anos, Romy começou a trabalhar no departamento de controlo da fábrica de Lycra da DuPont em Dordrecht. Era filha de Toon. Toda a gente conhecia o seu pai, que havia trabalhado para a DuPont desde que a empresa abriu a sua primeira fábrica (Orion) em Dordrecht em 1962. Mais tarde, Toon trabalhou na fábrica da Teflon, onde se usava o carcinogénico C8. 'No seu leito de morte, o meu pai, com apenas 46 anos, pediu-me para descobrir porque sofreu tantos tumores malignos.'

Romy era feliz na DuPont. Vídeos antigos da década de 1980 mostram como as mulheres, com os braços mergulhados em carretéis de Lycra, os verificavam e empacotavam. 'O cheiro era insuportável: trabalhávamos com solventes todo o dia', explica Romy. 'A Lycra devia espalhar-se no ar.'

Equipamento protetor? Não, claro que não. A DuPont era a empresa mais segura do mundo; pelo menos era nisso que acreditávamos. Se não usássemos os corrimões, recebíamos um aviso. Se tivéssemos que fazer horas extraordinárias, chamavam um táxi para nos levar a casa. Distribuía prémios de segurança. E de vez em quando tínhamos exames médicos, embora nunca soubéssemos os resultados.'

Romy tinha que ir ao ginecologista com frequência. Sofria hemorragias constantes e foi submetida a diversos procedimentos de D&C. Em 1985, engravidou. Ao fim de oito meses, houve um problema. Lutando para conter as emoções, conta-nos sobre Wesley. 'De repente, fiquei muito mal, os meus rins pararam de funcionar, o meu sangue não coagulava, o meu fígado não funcionava como devia. Tive pré-eclâmpsia. Dei à luz um nado-morto nos cuidados intensivos. Visito a campa do Wesley todos os meses. Nunca recuperamos duma experiência destas.'

Romy regressou ao trabalho na fábrica de Lycra. Todas as suas gravidezes seguintes tiveram complicações e parecia que nunca seria capaz de dar à luz. Então, em 1988, teve uma menina e, em 1993, um rapaziño. Seguiu-se uma histerectomia. 'Mais tarde veio a saber-se que todas as mulheres tinham sofrido abortos, nados-mortos, histerectomias ou cancro', refere Romy. 'A minha mãe também foi exposta à DMA através do meu pai e ela deu à luz dois gémeos mortos com seis meses. Tenho a certeza que a DuPont conhecia os perigos da DMA para as pessoas em idade reprodutiva. Era bem sabido. O BBZ da FNV tem um caso sólido: existe o vídeo antigo que mostra como trabalhávamos sem qualquer tipo de protecção, muitas mulheres sofreram os mesmos sintomas e sabia-se que a substância tinha efeitos nocivos sobre homens e mulheres jovens. Deve ser feita justiça, nem que demore 20 anos.'

Tradução de artigo publicado na **revista HesaMag – ETUI**

